

HARUKI MURAKAMI

**O Fim do Mundo e o impiedoso
País das Maravilhas**

TRADUÇÃO DO JAPONÊS
Jefferson José Teixeira

ALFAGUARA


Sumário

1. Elevador, silêncio, obesidade	13
2. <i>Os animais dourados</i>	24
3. Capa de chuva, os tenebrosos, lavagem	30
4. <i>A biblioteca</i>	49
5. Cálculos, evolução, desejo sexual	57
6. <i>A sombra</i>	73
7. Crânio, Lauren Bacall, biblioteca	83
8. <i>O coronel</i>	101
9. Apetite, desilusão, Leningrado	107
10. <i>A muralha</i>	127
11. Roupas, melancias, caos	132
12. <i>O mapa do Fim do Mundo</i>	138
13. Frankfurt, porta, organização independente	146
14. <i>O bosque</i>	171
15. Uísque, tortura, Turguêniev	181
16. <i>A chegada do inverno</i>	198
17. O Fim do Mundo, Charlie Parker, bomba-relógio	207
18. <i>A leitura dos sonhos</i>	216
19. Hambúrgueres, Skyline, prazo	221
20. <i>A morte dos animais</i>	236
21. Pulseiras, Ben Johnson, demônio	241
22. <i>A fumaça cinzenta</i>	271
23. Buracos, sanguessugas, torre	280
24. <i>A praça das Sombras</i>	299
25. Refeições, fábrica de imagens, armadilha	308
26. <i>Usina elétrica</i>	335
27. Palito enciclopédico, imortalidade, clipes de papel	343
28. <i>O instrumento musical</i>	352

29. O lago, Masaomi Kondo, meia-calça	359
30. <i>O buraco</i>	381
31. Controle de passagens, Police, detergentes sintéticos	388
32. <i>A sombra se encaminha para a morte</i>	402
33. Lavar roupa em dia de chuva, carro alugado, Bob Dylan	409
34. <i>Os crânios</i>	423
35. Cortador de unha, molho de manteiga, vaso de ferro	430
36. <i>O acordeão</i>	445
37. Luz, introspecção, limpeza	450
38. <i>A fuga</i>	461
39. Pipocas, Lord Jim, desaparecimento	471
40. <i>O pássaro</i>	483
 <i>Referências bibliográficas</i>	 487

1

Elevador, silêncio, obesidade

O elevador continuava a subir numa velocidade bastante lenta. Ao menos dava a impressão de estar subindo. Mas eu não tinha certeza. Sua lentidão extrema me fez perder o senso de direção. Ele poderia estar descendo ou mesmo parado. Analisando toda a situação, talvez eu apenas tivesse decidido que o elevador estava subindo por pura conveniência. Mera suposição. Nenhum embasamento. O elevador talvez tivesse subido doze andares, descido três, quiçá dado um giro completo ao redor do planeta e voltado. Impossível saber.

Esse elevador era completamente diferente — e mais evoluído — do equivalente barato que havia no meu prédio, que mais parecia um balde de pegar água num poço. Devido à diferença brutal entre ambos, eu custava a crer que tivessem sido construídos com a mesma finalidade, desempenhassem funções idênticas e recebessem o mesmo nome. De tão longa, era difícil conceber a distância entre suas existências.

A primeira questão era o tamanho. O elevador onde eu estava era amplo o suficiente para ser usado como um bom escritório. Caberiam nele mesas, armários e gabinetes, e mesmo instalando uma pequena cozinha ainda sobraria espaço. Não duvidaria que fosse possível acomodar ali três camelos e uma palmeira de médio porte. Em segundo lugar, a limpeza. Estava tão imaculado quanto um caixão novo. As paredes ao redor e o teto eram de aço inox brilhante, sem manchas ou partes embaçadas, e um carpete verde-musgo de pelos longos cobria o chão. Em terceiro, sua aparente serenidade. Quando entrei não emitia som — literalmente nenhum —, nem mesmo ao fechar com suavidade a porta. A ponto de não ser possível dizer se estava parado ou em movimento. Um rio profundo em seu curso tranquilo.

Outro ponto era que não havia ali a maioria dos acessórios obrigatórios em um elevador. Antes de mais nada, não havia um painel com

botões. Nem mesmo os com os números dos andares, os de abrir e fechar, e o de emergência. Em suma, não havia nada. Isso fazia com que me sentisse bastante desprotegido. Não só por causa da ausência dos botões. Não havia luzes indicando em qual andar o elevador estava, nem mesmo uma placa com a capacidade máxima de passageiros, avisos e o nome do fabricante. Tampouco era possível saber onde ficava a saída de emergência. Não diferia em nada de um ataúde. Pensando bem, não era possível que tivesse sido aprovado pelo corpo de bombeiros. Afinal, há regras a serem cumpridas no que diz respeito a elevadores.

Enquanto olhava fixo as quatro paredes de aço vazias, me lembrei de ter assistido quando criança a um filme com os grandes truques de mágica de Houdini. Amarrado várias vezes com cordas e correntes, o ilusionista era aprisionado em um enorme baú que, por sua vez, recebia voltas e voltas de correntes pesadas. O baú podia ser atirado de cima das cataratas do Niágara ou congelado no mar do Norte. Após respirar uma vez, lento e profundo, comparei a condição em que eu estava com a de Houdini. Meu corpo não estava amarrado, o que era uma vantagem para mim, mas eu perdia para ele por não conhecer o truque.

Pensando bem, mais do que isso, eu nem mesmo sabia se o elevador estava em movimento ou parado. Experimentei tossir. O som, no entanto, saiu estranho. Soou diferente de uma tosse. Só consegui ouvir um ruído plano, como ao jogar um punhado de barro macio contra uma parede lisa de concreto. Era impossível imaginar que meu corpo houvesse produzido aquele som. Por via das dúvidas, tentei tossir mais uma vez, mas o resultado foi o mesmo. Desisti de continuar tentando.

Permaneci imóvel por um longo período. O tempo passava, mas a porta não se abria. Eu e o elevador estávamos parados ali tranquilamente, como numa pintura de natureza-morta intitulada “O homem e o elevador”. Aos poucos, comecei a ficar inquieto.

O mecanismo poderia estar quebrado ou o ascensorista — supondo que alguém estivesse desempenhando tal função em algum lugar — poderia ter se esquecido de mim dentro da cabine. Às vezes as pessoas ignoravam a minha existência. De todo modo, eu estava encarcerado dentro de um espaço hermético de aço inox. Procurei

aguçar os ouvidos, mas não escutei nenhum barulho. Colei a orelha na parede de aço, mas nem assim consegui ouvir o que quer que fosse. Nela ficou uma marca esbranquiçada com o formato da minha orelha. Ao que parece o elevador tinha sido construído com uma cabine de metal capaz de absorver todo tipo de som. Tentei assoviar a melodia de “Danny boy”, mas parecia um cão asmático.

Desisti, encostei na parede e decidi passar o tempo contando as moedinhas que tinha nos bolsos. Mais do que um passatempo, para alguém com a minha profissão o exercício era um treinamento importante, equivalente à bolinha de borracha que os boxeadores profissionais estão sempre apertando. No sentido estrito, não era um passatempo. Só por meio da repetição é possível universalizar uma tendência distorcida.

Fosse como fosse, eu me esforçava para sempre ter muitas moedinhas nos bolsos da calça. Do lado direito, eu guardava as moedas de cem e quinhentos ienes e, no esquerdo, as de cinquenta e dez. As de um e cinco iam no bolso de trás e, a princípio, eu as excluía da contagem. Metia as mãos nos bolsos e com a direita contava as moedas de cem e quinhentos ienes e, ao mesmo tempo, com a esquerda somava as de cinquenta e dez.

Para alguém que nunca tenha feito cálculo similar, seria difícil conceber quão árdua a tarefa é de início. Os hemisférios direito e esquerdo do cérebro executam duas contagens totalmente distintas e, por último, como se juntassem duas metades de uma melancia, somam os totais obtidos. É complicado quando não se está habituado.

Na verdade, não poderia afirmar com certeza que estou usando de forma separada os hemisférios direito e esquerdo do cérebro. Se eu fosse um neurofisiologista, talvez soubesse dizer. Mas não é o meu caso, e ao tentar de fato calcular sinto que sem dúvida uso os dois de forma separada. Até mesmo a sensação de cansaço que me invade ao terminar de contar é muito diferente da que sentiria após realizar um cálculo comum. Portanto, por uma questão de pragmatismo, penso que o que estou fazendo é usar o hemisfério esquerdo do cérebro para contar as moedas do bolso esquerdo e o direito para contar as do bolso direito.

Sempre achei que fosse dono de um pensamento pragmático sobre uma variedade de fenômenos, eventos e existências deste mundo. Isso não se deve ao fato de eu ser alguém com uma personalidade